

Resenha

Com quantos sociólogos se desenvolve um programa de pesquisa em Sociologia da Arte?

VILLAS BÔAS, Gláucia (org.). (2016). *Um vermelho não é um vermelho* – estudos sociológicos sobre as artes visuais. Rio de Janeiro: 7 Letras.

É possível argumentar que até os anos 2000 a sociologia da arte engatinhava em terras brasileiras em meio a investidas importantes para o campo, mas incipientes em termos de continuidade e de um conteúdo programático para os avanços da subdisciplina. Uma situação que começou a mudar nos idos dos anos 2000, sendo o dossiê *Sociologia da Arte Hoje*, organizado, em 2005, por João Gabriel Teixeira, para a revista *Sociedade e Estado*, da Universidade de Brasília (2005, p. 298), uma das iniciativas que demarcam uma virada para os caminhos da sociologia da arte no Brasil. Em seu texto de apresentação ao dossiê, Teixeira demarcava, justamente, as nevrálgicas iniciativas na seara da sociologia da arte brasileira sem deixar de pontuar, no entanto, as suas descontinuidades¹. Entretanto, como se quer argumentar, a partir dos anos 2000, a sociologia da arte no país vem encontrando constância e lugar nas pesquisas de número mais expressivo de sociólogos(as) enquanto suas publicações², que incluem intercâmbio com centros estrangeiros, são

¹ Teixeira (2005) afirmava que, na década de 1940, a sociologia da arte contou com contribuições importantes de Roger Bastide e, posteriormente, de Gilda de Mello Souza, Antônio Cândido e Lourival Gomes Machado, respectivamente, acerca da moda, da literatura e do barroco mineiro. Nos anos 1960, a sociologia da arte encontrou espaço na coletânea *Sociologia da Arte*, organizada por Gilberto Velho (VELHO, 1971). Teixeira destaca, ainda, os posteriores e pioneiros esforços de José Carlos Durand com suas pesquisas sobre o mecenato e a moda no Brasil; de fato, o livro *Arte, Privilégio e Distinção – Artes Plásticas, Arquitetura e Classe Dirigente no Brasil, 1855/1985* ([1989] 2009), de autoria de Durand se tornou um clássico da sociologia da arte no Brasil.

² Algumas referências recentes na área da sociologia da arte no Brasil, são: DABUL, Lígia. *Um Percurso da Pintura – A Produção de Identidades de Artista*. Rio de Janeiro: Ed. UFF, 2001; SANT'ANNA, Sabrina Marques Parracho. *Construindo a Memória do Futuro – Uma Análise da Fundação do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2011; BUENO, Maria Lucia (org.). *Sociologia das Artes Visuais no Brasil*. São Paulo: SENAC São Paulo, 2012; QUEMIN, ALAIN; VILLAS BÔAS, Gláucia (orgs.). *Arte e Vida Social - Pesquisas Recentes no Brasil e na França*. OpenEdition Press, 2016. É importante citar também algumas pesquisas de mestrado e doutorado na área: FORMIGA, Tarcila Soares. *Instituto Brasil-Estados Unidos: Uma Experiência no Campo Artístico Carioca*. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da UERJ, Rio de Janeiro, 2009; FORMIGA, Tarcila Soares. *À Espera da Hora*

crecentes. Hoje, é possível dizer que a sociologia da arte no país já não é mais intermitente e incipiente, sendo o livro organizado por Gláucia Villas Bôas, *Um vermelho não é um vermelho – estudos sociológicos sobre as artes visuais* (2016), fruto deste momento por que passa a sociologia da arte no Brasil.

Mas, antes de pormenorizar o livro organizado por Villas Bôas, é imprescindível demarcar que a sociologia da arte ao redor do mundo, como no Brasil, enfrentou avanços e retornos, dependendo do contexto específico. Uma iniciativa positiva para esse subcampo da sociologia foi que, em 2017, o *The Cambridge Handbook of Sociology* publicou um verbete de Alain Quemin acerca da sociologia da arte, seus marcos históricos e perspectivas analíticas. Fato, sem dúvida, fundamental para uma subdisciplina que, como apresenta o autor, em alguns países ainda é tomada como um subcampo da sociologia da cultura. Todavia, paralelamente, há uma abertura cada vez maior da sociologia praticada ao redor do mundo para as questões próprias da sociologia da arte, suas características e interesses. Embora presente em trabalhos de autores importantes para a sociologia, como Émile Durkheim, Georg Simmel, Karl Marx e Max Weber, a arte não foi um objeto de estudo privilegiado por eles. Somente em anos mais recentes, a sociologia da arte (nome cunhado por Pierre Francastel)³ alcançou independência (QUEMIN, 2017; PÉQUIGNOT, 2005; TEIXEIRA, 2005). Na década de 1960, inicia-se, ainda de acordo com Quemin, a instituição de um campo específico de

Plástica: O Percurso de Mário Pedrosa na Crítica de Arte Brasileira. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia UFRJ, Rio de Janeiro, 2014; MARCONDES, Guilherme. *Arte, Crítica e Curadoria: Diálogos sobre Autoridade e Legitimidade*. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia UFRJ, Rio de Janeiro, 2014; MARCONDES, Guilherme. *Arte e Consagração: Os Jovens Artistas da Arte Contemporânea*. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia UFRJ, Rio de Janeiro, 2018; MIRANDA, Ana Carolina Freire Accorsi. *Discursos e Práticas: A Institucionalização dos Coletivos de Artistas*. Dissertação (Mestrado), Programa Pós-Graduação em Ciências Sociais da UFRJ, 2014; STOCCO, Daniela. *O Mercado Primário de Arte Contemporânea no Rio de Janeiro e em São Paulo*. Tese (Doutorado) – Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia UFRJ, Rio de Janeiro, 2016. Outras referências publicadas em periódicos são: SIMIONI, Ana Paula Cavalcanti. Entre Convenções e Discretas Ousadias: Georgina de Albuquerque e a pintura histórica feminina no Brasil. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, v. 50, p. 143-159, 2003; BUENO, M. L.; SANT'ANNA, S. M. P.; DABUL, L. Sociologia da Arte: Breve Histórico da Construção de uma Disciplina. *Revista Brasileira de Sociologia*, v. 6, p. 266-289, 2018.

³ “His status as a sociologist of art is still debated today, even though Francastel coined the phrase ‘sociology of art’ and held the first chair in this domain (in the sociology of the visual arts at École Pratique des Hautes Etudes that was created in Paris in 1948)”. [Livre tradução do autor: “O seu estatuto de sociólogo da arte ainda é debatido hoje, mesmo após Francastel ter concebido a frase ‘sociologia da arte’ e de ter ocupado a primeira cadeira neste domínio (na sociologia das artes visuais na École Pratique des Hautes Etudes que foi criada em Paris em 1948)”] (QUEMIN, 2017, p. 294).

estudos da arte, especialmente na França e nos Estados Unidos. Howard Becker e Pierre Bourdieu foram importantes em sua criação, concebendo ferramentas teóricas para o desenvolvimento da área. Apesar das diferenças no reconhecimento da subdisciplina, variando sua aceitação ou recusa de acordo com contextos históricos e intelectuais, a sociologia da arte vem ganhando contornos que a colocam em diálogo com diferentes áreas, tais como os estudos de gênero, de raça e etnicidade, trabalho, classes sociais e consumo (QUEMIN, 2017, p. 297-300). Deste modo, a disciplina contribui para o desenvolvimento da sociologia de modo geral.

No bojo dos avanços vivenciados pela sociologia da arte no Brasil e ao redor do mundo, através de 11 capítulos, contando com a colaboração de 12 autores(as), *Um vermelho não é um vermelho* (2016) busca demonstrar os caminhos que estabeleceram um programa de pesquisa em sociologia da arte na Universidade Federal do Rio de Janeiro, reunindo autores(as) associados ao Núcleo de Pesquisa em Sociologia da Cultura da UFRJ (NUSC/UFRJ)⁴, coordenado por Glaucia Kruse Villas Bôas. O livro contribui, assim, para a apresentação de inúmeras pesquisas sistemáticas acerca de temas caros à sociologia da arte que vem se desenvolvendo no Brasil, mesmo fora dos muros da UFRJ, fomentando, deste modo, a produção científica no campo da sociologia da arte brasileira.

É possível dizer que *Um vermelho não é um vermelho* (2016) se organiza, portanto, em quatro partes, a saber: *Memória de um Programa de Pesquisa* – sendo esta parte relativa ao texto introdutório do livro, escrito por Glaucia Villas Bôas; *Museus, Coleções e Mercado* – que conta com trabalhos de Sabrina Parracho Sant’Anna, Tatiana Oliveira Siciliano, Renata Bernardes Proença e Daniela Stocco; *Projetos e Crítica de Arte* – com contribuições de Eliska Altmann, Tarcila Soares Formiga e Marcelo Ribeiro Vasconcelos, em texto conjunto, e Alexandre Pinheiro Ramos; e, por fim, *Arte no Cinema, na Televisão e no Livro* – com capítulos escritos por Nina Galanternick; Julia Polessa Maçaira e Verônica Eloí de Almeida. Essa divisão das partes do livro permite a compreensão dos distintos caminhos que podem ser adotados por pesquisas em sociologia da arte, tratando de variados temas e exibindo variedade metodológica que faz lembrar a noção de “imaginação sociológica” legada por C. Wright Mills, em seu livro *A Imaginação Sociológica*

⁴ O NUSC/UFRJ foi criado em 1988, sendo sediado no Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da UFRJ, abarcando, inicialmente, pesquisas na área de Pensamento Social Brasileiro e Sociologia da Cultura. Atualmente, vem encampando pesquisas Sociologia da Arte. O NUSC, assim, associou-se a outros núcleos de pesquisa na área de sociologia da arte, como o NECTAR da UFF, o CULTIS da UFRJ e o CAV da UFJF.

(1959), sendo essa diversidade metodológica, talvez, o maior legado do livro que, assim, auxilia na constituição de um programa de pesquisas em uma subárea da sociologia que cada vez mais cresce no país.

O curioso título do livro parte de uma das etapas iniciais das pesquisas elaboradas pela organizadora do livro. Em 2005, Glaucia Villas Bôas iniciou seu projeto de pesquisa em sociologia da arte, após anos dedicada às áreas do Pensamento Social Brasileiro e da Sociologia da Cultura, e como um dos primeiros resultados de sua pesquisa, em uma nova seara sociológica, decidiu experimentar novas metodologias para a exposição dos saberes sociológicos. Assim, em parceria com Nina Galanternick, em 2006, lançaram o curta-metragem *Memórias concretas – Um depoimento de Almir Mavignier*, sobre a trajetória do artista visual brasileiro radicado na Alemanha. Em seu ateliê em Hamburgo, em entrevista para Villas Bôas, Mavignier relembrou um dos ensinamentos que obteve com Josef Albers na Escola de Ulm⁵: “um vermelho não é um vermelho, o vermelho é um vermelho com relação ao fundo” (VILLAS BÔAS, 2016, p. 13). Advém daí o propício título do livro, indicando, justamente, a relatividade de uma cor que, metaforicamente, em termos de metodologia sociológica, faz pensar sobre a necessidade de buscar aparatos, nuances finas, técnicas, metodologias e teorias distintas para tratar dos temas relativos à sociologia da arte.

O livro conta, assim, com uma multiplicidade de visões que resistiria a qualquer tentativa de homogeneização, seguindo um caminho, portanto, de ampliação das perspectivas que podem ser utilizadas com rigor por uma sociologia da arte brasileira. Neste sentido, o texto introdutório de Glaucia Villas Bôas, um relato em primeira pessoa, trata sobre como seu projeto individual, de mudança de área após anos consagrados a outros campos de pesquisa, influenciou para a criação de um programa coletivo de pesquisa, que atualmente conta com parceria com outras instituições de ensino do Brasil e de outros países, como França e Portugal. Um projeto de pesquisa responsável, desta forma, pela formação de inúmeros(as) pesquisadores(as) que, ao longo das últimas décadas, vêm sistematicamente desenvolvendo projetos coletivos e individuais na área de sociologia da arte. Já a segunda parte do livro, dedicada a discussões sobre museus, coleções e o mercado de arte, traz, por exemplo, o capítulo de Sabrina Parracho Sant’Anna acerca das disputas vivenciadas em torno da zona portuária da cidade do Rio de

⁵ A Escola de Design de Ulm ou Escola de Ulm, conhecida como Escola da Forma, foi uma escola de design baseada na cidade de Ulm, Alemanha, fundada em 1953 por Max Bill e outros para promover os princípios do Bauhaus.

Janeiro, entre população e poder público, que resultou na criação do Museu de Arte do Rio (MAR). Além do capítulo de Sant'Anna, a parte 2 conta com texto de Daniela Stocco sobre a emergência de duas das principais feiras de arte do Brasil, uma de São Paulo e outra do Rio de Janeiro, diferenciando os empreendimentos e demarcando a relação entre artistas, galerias, colecionadores(as) e demais agentes dos circuitos artísticos que aborda.

A terceira parte do livro trata, por sua vez, da crítica de arte. Assim, conta com o trabalho conjunto de Tarcila Formiga e Marcelo Vasconcelos, acerca de Clement Greenberg e Mário Pedrosa nas décadas de 1930 e 1940, tratando de dois dos maiores expoentes da crítica de arte, o texto exhibe suas proximidades e afastamentos, bem como sua relação com os circuitos artísticos para os quais são referência consolidada presentemente. Esta parte conta ainda com texto de Eliska Altmann sobre a crítica de cinema no Rio de Janeiro, através de estudo sobre a trajetória de dois críticos, de distintas gerações, José Carlos Avellar e Eduardo Valente, tratando das reconfigurações da esfera da crítica que se inter-relacionam com transformações sociais mais gerais. Na quarta parte do livro, encontra-se o texto de Julia Polessa Maçaira, que trata dos usos das ilustrações por quatro livros didáticos de sociologia para o ensino médio, trazendo uma análise apurada que relaciona a sociologia da arte e a sociologia da educação. Por fim, a parte final do livro conta também com a colaboração de Nina Galanternick, em um relato sobre sua parceria com Glaucia Villas Bôas, tratando dos caminhos de pesquisa que resultaram em dois documentários, um já mencionado sobre Almir Mavignier e outro sobre o crítico de arte Mário Pedrosa, *Formas de Afeto: Um Filme sobre Mário Pedrosa*, lançado em 2010. Distinguindo formas de apresentação de saberes, o convencional texto para os sociólogos e muitos outros campos de saber e a linguagem cinematográfica, o texto de Galanternick apresenta diferentes caminhos para a divulgação dos saberes acadêmicos, debate fundamental à sociologia e às demais áreas dos campos de saber que, por vezes, se encontram encarcerados pelos muros das universidades e nas revistas acadêmicas lidas apenas por seus pares.

Um vermelho não é um vermelho (2016) é, neste sentido, um empreendimento coletivo de fôlego, criatividade e rigor em pesquisa sociológica. A multiplicidade de temas apresentados a cada capítulo indica diferentes possibilidades para a sociologia da arte bem como demonstra as várias possibilidades de diálogos que podem ser efetivados a partir dessa subárea da sociologia. É um livro, portanto, que pode ser lido como resultante

de um projeto coletivo e programático para uma área da sociologia, bem como um livro de metodologia, já que a variabilidade de técnicas, temas e nuances apresentadas pelos autores(as) é, de fato, primorosa, permitindo a comparação de técnicas de pesquisa e análise de distintas questões.

Guilherme Marcondes*

Referências

- BUENO, Maria Lucia.
(2012). O Mercado de Arte no Brasil em Meados do Século XX. In: BUENO, Maria Lucia (org.). *Sociologia das Artes Visuais no Brasil*. São Paulo: SENAC São Paulo, pp. 75-95.
- DABUL, Lígia.
(2001). *Um Percurso da Pintura – A Produção de Identidades de Artista*. Rio de Janeiro: Ed. UFF.
- DURAND, José Carlos.
([1989] 2009). *Arte, Privilégio e Distinção – Artes Plásticas, Arquitetura e Classe Dirigente no Brasil, 1855-1985*. São Paulo: Perspectiva.
- MILLS, C. Wright.
(1959). *A Imaginação Sociológica*. Rio de Janeiro: Zahar.
- QUEMIN, Alain.
(2017). The Sociology of Art. In: KORGAN, Kathleen Odell (Org.). *The Cambridge Handbook of Sociology*. vol. 2. Cambridge, Londres: Cambridge University Press.
- QUEMIN, Alain; VILLAS BÔAS, Glaucia (orgs.).
(2016). *Arte e Vida Social – Pesquisas Recentes no Brasil e na França*. OpenEdition Press.
- SANT'ANNA, Sabrina Marques Parracho.
(2011). *Construindo a Memória do Futuro – Uma Análise da Fundação do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: FGV Editora.
- VELHO, Gilberto.
(1971). Introdução. In: *Sociologia da Arte volume 1*. VELHO, Gilberto (Org.). Rio de Janeiro: Zahar Editores.
- VILLAS BÔAS, Glaucia (org.).
(2016). *Um vermelho não é um vermelho – estudos sociológicos sobre as artes visuais*. Rio de Janeiro: 7 Letras.
- Teses e Dissertações:**
- FERREIRA, Daniela Stocco.
(2016). *O Mercado Primário de Arte Contemporânea no Rio de Janeiro e em São Paulo*. Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia UFRJ.
- FORMIGA, Tarcila Soares.
(2009). *Instituto Brasil-Estados Unidos: Uma Experiência no Campo Artístico Carioca*. Tese de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da UERJ.
- (2014). *À Espera da Hora Plástica: O Percurso de Mário Pedrosa na Crítica de Arte Brasileira*. Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia UFRJ.

* Pós-doutorando (bolsa PNPd/CAPES) no Programa de Pós-Graduação em Sociologia da Universidade Estadual do Ceará (PPGS/UECE). Pesquisador associado ao Núcleo de Sociologia da Cultura da Universidade Federal do Rio de Janeiro (NUSC/UFRJ) e do GRUA - Grupo de Reconhecimento de Universos Artísticos/Audiovisuais (CNPq). E-mail: gui.marcondesss@gmail.com.

MARCONDES, Guilherme.

(2014). *Arte, Crítica e Curadoria*: Diálogos sobre Autoridade e Legitimidade. Tese de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia UFRJ.

(2018). *Arte e Consagração*: Os Jovens Artistas da Arte Contemporânea. Tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia UFRJ.

MIRANDA, Ana Carolina Freire Accorsi.

(2014). *Discursos e Práticas*: A Institucionalização dos Coletivos de Artistas. Tese de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da UFRJ.

Referências de Periódicos:

BUENO, M. L.; SANT'ANNA, S. M. P.; DABUL, L.
(2018). Sociologia da Arte: Breve Histórico da Construção de uma Disciplina. *Revista Brasileira de Sociologia*, v. 6, p. 266-289.

PÉQUIGNOT, Bruno.

(2005) La Sociologie de l'Art et de la Culture en France: Un État des Lieux. *Sociedade e Estado*, Brasília, v. 20, n. 1, p. 297-301.

SIMIONI, Ana Paula Cavalcanti.

(2003). Entre Convenções e Discretas Ousadias: Georgina de Albuquerque e a pintura histórica feminina no Brasil. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, v. 50, p. 143-159.

TEIXEIRA, João Gabriel.

(2005). Apresentação. *Sociedade e Estado*, Brasília, v. 20, n. 1, p. 297-301.

Filmes:

VILLAS BÔAS, Gláucia; GALANTERNICK, Nina.
Memórias concretas – Um depoimento de Almir Mavignier. Curta-metragem, 2006.

VILLAS BÔAS, Gláucia; GALANTERNICK, Nina.
Formas de Afeto: Um Filme sobre Mário Pedrosa. Curta-metragem, 2010.

Recebido em

agosto de 2018

Aprovado em

maio de 2019